

# *Sol Iustitiæ*: a celebração do Natal numa perspetiva genética

Nuno Duarte da Silva Queirós\*

## Introdução

Inicialmente Natal e Epifania constituíram celebrações com objeto idêntico, a Encarnação do Verbo e a manifestação do Senhor, mas com matizes e práticas diferentes e complexas no Ocidente e no Oriente, como se prova pelas duas denominações: no Oriente, o Mistério da Encarnação começou a celebrar-se a 6 de janeiro, com a festa da Epifania; no Ocidente, o mesmo mistério era celebrado em Roma a 25 de dezembro, com o nome de *Natalis Domini*. Depois de um intrincado intercâmbio cultural e religioso, ambas as festividades viriam a ser permutadas, numa segunda fase e pouco uniformemente, tendo o Ocidente adotado a Epifania, e o Oriente, o Natal, com conteúdos celebrativos por vezes distintos e variados em cada Igreja. O presente estudo histórico procurará apresentar uma reflexão atual do ponto de vista genético e exclusivamente sobre as origens da festa ocidental, o Natal, celebrado a 25 de dezembro, a partir do estudo das duas teses clássicas que dividiram desde o século XIX a investigação de historiadores, teólogos e liturgistas.

\* Diocese de Aveiro. Secretariado Diocesano de Liturgia.

A primeira, a “Hipótese do Cálculo” considera com especial relevo as evidências históricas e patrísticas que tiveram por base uma antiga tradição na qual Jesus Cristo, tal como os antigos patriarcas, foi concebido no mesmo dia e mês da sua paixão, a 25 de março, e daí mostrar como plausível o nascimento do Salvador a 25 de dezembro, depois de nove meses de gestação. A “Hipótese da História das Religiões”, tese maioritariamente defendida, encontra, por sua vez, no complexo contexto cultural e religioso do Império Romano e civilizações circumediterrâneas, razões suficientes para atestar que a data de 25 de dezembro está, por um lado, particularmente ligada ao culto heliolátrico, manifestado mais evidentemente em Roma, a partir de Aureliano, que instituiu o *Dies Natalis Invicti*; e, por outro, atenta ao ambiente controverso das disputas dogmáticas que viriam a veicular os primeiros concílios ecuménicos e onde a questão cristológica teve especial relevância. Dada a panóplia de contributos desde o desenvolvimento da investigação nesta matéria, do século XIX à atualidade, o nosso objetivo será, por fim, apresentar ao leitor o *status quaestionis* que nos permitirá certamente fazer a síntese entre os diversos contributos e tirar algumas conclusões que poderão ser úteis para uma visão mais esclarecida das diversas influências preponderantes na datação e génese da celebração cristã do Natal em torno do IV século.

## 1. O Calendário Filocaliano

Um documento romano<sup>1</sup> atribuído a Furius Dionysius Philocalus conhecido por *Cronógrafo de 354*, *Calendário de Furius Dionysius Philocalus*, *Calendário Filocaliano*, *Martirologio Filocaliano*, *Catalogus Bucherianus* ou *Anonymus Cuspiniani*<sup>2</sup> fornece-nos uma referência importante à celebração do nascimento de Jesus Cristo no dia 25 de dezembro. Embora existam vários códices a partir do século IX, o mais antigo manuscrito completo que nos chegou é, possivelmente, do século VII ou VIII e trata-se de um almanaque com ilustrações e uma série de registos cronológicos civis e cristãos do período constantiniano que serviram de base para calendários romanos posteriores<sup>3</sup>. A sua autenticidade é amplamente acreditada, sendo considerada por uma

<sup>1</sup> FURIUS DIONYSIUS PHILOCALUS – Chronografus anni CCCLIII. In *Monumenta Germaniae Historica* [=MGH]: *Auctorum Antiquissimorum*. Edidit Theodorus Mommsen. Berolini: Apud Weidmannos, 1892, tomo IX, vol. 1, p. 13-148.

<sup>2</sup> Cf. DUCHESNE, Louis – *Le Liber Pontificalis: texte, introduction et commentaire*. 2.<sup>a</sup> ed. Paris: E. Thorin, 1955, vol. 1, p. 11. (A primeira edição é de 1886).

<sup>3</sup> Cf. FURIUS DIONYSIUS PHILOCALUS – Chronografus anni CCCLIII. In *MGH*, p. 17-38.

grande parte dos especialistas a fonte mais antiga relativa à celebração do 25 de dezembro.

As referências explícitas à data de nascimento de Cristo encontram-se nos *Fasti consulares* e na *Depositio martyrum*. Na primeira secção pode ler-se, na edição citada: «p. Chr. I. Caesare et Paulo Sat. XIII Hoc cons. dominus Iesus Christus natus est VIII kal. Ian. d. Ven. Luna XV»<sup>4</sup>, ou seja, «O Senhor Jesus Cristo nasceu no consulado de César e Paulo, no oitavo dia antes das calendas de janeiro [25 de dezembro], no dia de Vénus [sexta-feira], o décimo quinto dia da lua nova». A resenha de mártires venerados em Roma, a *Depositio martyrum*, inicia precisamente com a referência «VIII kal. Ian. natus Christus in Betleem Iudaeae»<sup>5</sup>.

Algumas considerações são oportunas. Não deixa de ser curioso o facto de, numa lista cronológica de carácter civil, com o elenco dos cônsules romanos, vigorar, com uma certa precisão, a data de nascimento de Jesus, o que nos faz pressupor uma indicação adicionada posteriormente ao documento, tal como outras informações de carácter religioso nos *Fasti consulares*: a alusão à paixão «His consulibus dominus Iesus Christus passus est die Ven. luna XIII»<sup>6</sup>; bem como aos apóstolos Pedro e Paulo «His cons. Petrus et Paulus ad urbem venerunt agere episcopatum»<sup>7</sup>, «His cons. passi sunt Petrus et Paulus in kal. Iul»<sup>8</sup>. Por outro lado, é importante notar que, na *Depositio martyrum*, é a celebração do nascimento de Cristo, em «Belém da Judeia», que marca o início do calendário e não faz menção à data da sua paixão e morte. Não se trata aqui do *natalis*, ou a data do martírio (nascimento para o céu) e conseqüente celebração dos mártires, mas a referência ao próprio nascimento de Cristo. Noutra sentença podemos ler a 22 de fevereiro «VIII kal. mart. natale Petri de cathedra»<sup>9</sup>, e aqui o termo «natale» poderá ter a aceção de simples aniversário ou comemoração do pontificado petrino<sup>10</sup>.

Embora a *Depositio episcoporum* não faça qualquer menção à celebração do Natal, é relevante por corroborar o início do calendário no final de dezembro, com a inscrição da primeira data a 27 de dezembro «VI kal.

<sup>4</sup> FURIUS DIONYSIUS PHILOCALUS – Chronografus anni CCCLIII. In *MGH*, IX, 1, p. 56.

<sup>5</sup> FURIUS DIONYSIUS PHILOCALUS – Chronografus anni CCCLIII. In *MGH*, IX, 1, p. 71.

<sup>6</sup> FURIUS DIONYSIUS PHILOCALUS – Chronografus anni CCCLIII. In *MGH*, IX, 1, p. 57.

<sup>7</sup> FURIUS DIONYSIUS PHILOCALUS – Chronografus anni CCCLIII. In *MGH*, IX, 1, p. 57.

<sup>8</sup> FURIUS DIONYSIUS PHILOCALUS – Chronografus anni CCCLIII. In *MGH*, IX, 1, p. 57.

<sup>9</sup> FURIUS DIONYSIUS PHILOCALUS – Chronografus anni CCCLIII. In *MGH*, IX, 1, p. 71.

<sup>10</sup> Cf. MOHRMANN, Christine – Epiphania. *Revue des sciences philosophiques et théologiques* 37 (1953) 664; NARDONE, Richard M. – *The Story of the Christian Year*. New York and Mahwah e New Jersey: Paulist, 1991, p. 33-40; ROLL, Susan – *Toward the Origins of Christmas*. Kampen: Kok Pharos, 1995, p. 84. Ver nota 121.

Ianuaris Dionisi, in Calisti (+ 269)»<sup>11</sup>. Mas, sobretudo, para chegarmos à conclusão de que, com grande probabilidade, nem todo o material do Cronógrafo é datado de 354, mas anterior. Assim, a lista de deposição dos bispos segue a ordem do calendário de forma organizada até ao registo «VI idus Decemb. Eutyichiani, in Callisti (+ 283)»<sup>12</sup>, para terminar com duas deposições, fora da ordem do calendário, dos bispos *Marcus*, em outubro, tendo como data de falecimento 336, e em abril, a deposição de *Julius*, falecido em 352<sup>13</sup>. Estas indicações seguem, pois, a ordem histórica e não cronológica, e ajudam-nos a perceber que possivelmente a lista terá sido composta cerca do ano 336, após a morte do papa Silvestre, a 31 de dezembro de 335, e que as notícias relativas a *Marcus* e *Julius* foram anexadas ao calendário original. Sendo assim, é de considerar que redações anteriores foram usadas no documento de 354, e que, já em 336, se celebrava em Roma a festa do nascimento de Jesus a 25 de dezembro, marcando esta data o início do ano litúrgico e a origem romana desta celebração<sup>14</sup>.

Um outro dado importante que o Cronógrafo nos fornece, acessível na edição de Theodor Mommsen no *Corpus Inscriptionum Latinarum*<sup>15</sup>, serviu de base ao argumento de que a celebração do nascimento de Jesus Cristo a 25 de dezembro tem como precedente uma festa à divindade importada da síria, *Sol Invictus*. A coincidência da celebração do nascimento de Jesus Cristo com esta festividade suportou a argumentação de alguns estudiosos que não negaram a influência pagã na fixação da celebração natalícia, embora mais recentemente essa tese tenha sido fortemente questionada<sup>16</sup>. Esta teoria, revisitada

<sup>11</sup> FURIUS DIONYSIUS PHILICALUS – Chronografus anni CCCLIII. In *MGH*, IX, 1, p. 70.

<sup>12</sup> FURIUS DIONYSIUS PHILICALUS – Chronografus anni CCCLIII. In *MGH*, IX, 1, p. 70.

<sup>13</sup> FURIUS DIONYSIUS PHILICALUS – Chronografus anni CCCLIII. In *MGH*, IX, 1, p. 70.

<sup>14</sup> Cf. ADAM, Adolf – *The Liturgical Year: Its history and its meaning after the reform of the liturgy*. Collegeville: The Liturgical Press, 1990, p. 122; AUGÉ, Matias – *L'anno liturgico: È Cristo stesso presente nella sua chiesa*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2011, p. 179. Monumenta Studia Instrumenta Liturgica; 56; BOTTE, Bernard – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie: Étude Historique*. Louvain: Abbaye du Mont César, 1932, p. 33; DIX, Gregory – *The Shape of the Liturgy*. London: Black, 1945, p. 346; McARTHUR, A. Allan – *The Evolution of the Christian Year*. Greenwich e Connecticut: The Seabury Press, 1953, p. 39 e 43; ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 85; ROLL, Susan – The Origins of Christmas: The State of the Question. In *Between Memory and Hope: Readings on the Liturgical Year*. Collegeville: The Liturgical Press, 2000, p. 275; TALLEY, Thomas J. – *Les Origines de l'année liturgique*. Paris: Cerf, 1990, p. 100-101.

<sup>15</sup> Inscriptiones Latinae Antiquissimae. In *CORPUS INSCRIPTIONUM LATINARUM* [=CIL]. Ed. Theodorus Mommsen. Berolini: Georgium Reimerum, 1863, vol. 1, p. 332-357.

<sup>16</sup> HIJMANS, Steven – Sol Invictus, The Winter Solstice, and the Origins of Christmas, *Mouseion*. Series III. 3 (2003) 377-398; HIJMANS, Steven – *Sol: The sun in the art and religions of Rome*. Groningen: Rijksuniversiteit Groningen, 2009, vol. 1, p. 609-620; HIJMANS, Steven – Temples and Priests of the Sol in the City of Rome. *Mouseion*, Series III. 10 (2010) 381-423; HIJMANS, Steven

nos finais do século XIX inicialmente por Hermann Usener<sup>17</sup>, foi defendida por Bernard Botte<sup>18</sup> e desenvolvida *a posteriori*, sendo apelidada de «Hipótese da História das Religiões». De qualquer modo, é evidente no elenco de festividades civis do Calendário Filocaliano, a 25 de dezembro, a inscrição «N[atalis] Invicti C[ircenses] M[issus] XXX»<sup>19</sup>, ou seja, a festa do nascimento do *Sol Invictus*, comemorada com trinta corridas de bigas, corroborando a hipótese maioritariamente aceite e que teremos a oportunidade de expor.

## 2. A Hipótese do Cálculo

No Cristianismo dos primeiros séculos, e de acordo com um vasto rol de testemunhos, foram várias as tentativas de computação da data da Páscoa, bem como do nascimento de Jesus Cristo, não poucas vezes fazendo depender estas duas festividades uma da outra. «The Calculation Hypothesis», em inglês, ou «Berechnungshypothese» e «Komputationshypothese», em alemão, que traduzimos por «Hipótese do Cálculo», teve o seu impulso nos finais do século XIX, com a obra *Origines du culte chrétien*<sup>20</sup>, publicada em 1889, da autoria de Louis Marie Olivier Duchesne, padre e filólogo francês, e apresenta, no contexto dos estudos sobre as origens da celebração do Natal, várias fontes relevantes na datação do nascimento de Cristo e na sua relação com a festividade natalícia de 25 de dezembro, com base em cálculos mais ou menos elaborados, com referência à paixão de Cristo e aliando a sua conceção e nascimento.

### 2.1. O Comentário a Daniel de Hipólito de Roma

Durante algum tempo julgou-se aparentemente que a mais antiga referência à celebração do nascimento de Jesus Cristo a 25 de dezembro nos era facultada por Hipólito de Roma. Este padre oriental, que provavelmente terá estabelecido uma estreita relação com Alexandria, radicou-se em Roma

– Usener's Christmas: A contribution to the modern construct of late antique solar syncretism. In *Die Metamorphosen der Philologie: Hermann Usener und seine Folgen*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2011, p. 139-152; NOTHAFT, Carl Philipp E. – The Origins of the Christmas Date: Some recent trends in Historical Research. *Church History* 81 (2012) 903-911.

<sup>17</sup> Cf. USENER, Hermann – *Das Weihnachtsfest*. 3.<sup>a</sup> ed. Bonn: Bouvier, 1969.

<sup>18</sup> Cf. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 59-67.

<sup>19</sup> Cf. *Inscriptiones Latinae Antiquissimae*. In *CIL*, vol. 1, p. 356.

<sup>20</sup> DUCHESNE, Louis – *Origines du culte chrétien*: Étude sur la liturgie latine avant Charlemagne. Paris: Ernest Thorin, 1889.

cerca do ano 212 e escreveu várias obras em grego de carácter apologetico, dogmatico, exegetico e cronológico entre 200 e 235 – ano da sua morte – que, embora perdidos muitos dos seus originais, nos chegaram sobretudo através de traduções, dada a sua popularidade sobretudo no Oriente<sup>21</sup>. O autor da *Tradição Apostólica*, a constituição eclesiástica mais antiga depois da *Didaquê*, indica o nascimento de Cristo, no quarto capítulo do seu *Comentário a Daniel*, numa «quarta-feira, 25 de dezembro, no quadragésimo segundo ano de Augusto, 5500 anos depois da criação de Adão»<sup>22</sup>. Thomas Talley faz uso da primeira edição crítica desta obra, de 1897, sob a responsabilidade de G. N. Bonwetsch, e chama a atenção para o facto de, no mais antigo manuscrito, o *Codex A*, do século X ou XI, esta referência vir acompanhada pela expressão «pro tessaron aprilion», que assim associa o 25 de dezembro à data de 2 de abril, levando-o a concluir que, muito possivelmente, a primeira data é uma interpolação posterior e que a expressão suplementar no fragmento antigo indicando o 2 de abril poderá ser um testemunho da leitura original<sup>23</sup>. Outros autores interpretaram esta indicação como referente, não ao nascimento de Cristo, mas à sua concepção ou anunciação<sup>24</sup>. Aliás, não deixa de ser igualmente relevante a atribuição a Hipólito da autoria das inscrições contidas numa estátua datada entre 222 e 235, descoberta em 1552, entre a *Via Nomentana* e a *Via Tiburtina*, em Roma, que mencionam a paixão de Cristo, no ano 30, no oitavo dia das calendas de abril, ou seja, 25 de março<sup>25</sup>. Esta data, no contexto do quatordecimanismo, é o resultado da tentativa de computação pascal do décimo quarto dia da lua no calendário juliano, em correspondência com o 14 Nizan, data da páscoa judaica<sup>26</sup>. De qualquer modo, a opinião de que o dia 25 de dezembro é uma interpolação

<sup>21</sup> Cf. MOLINÉ, Enrique – *Los Padres de la Iglesia: Una guía introductoria*. 4.ª ed. Madrid: Palabra, 2000, p. 216-220.

<sup>22</sup> HIPPOLYTE – *Commentaire sur Daniel*. IV, 23.ª ed. Gustave Bardy e Maurice Lefevre. In *Sources Chrétiennes* [=SCh]. Collection dirigée par H. de Lubac, S.J. e J. Daniélou. Paris: Cerf, 1947, vol. 14, p. 187.

<sup>23</sup> Cf. TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 101.

<sup>24</sup> Cf. ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 80.

<sup>25</sup> Cf. GUARDUCCI, Margherita – La Statua di 'Saint' Ippolito. In *Ricerca su Ippolito*. Roma: Institutum Patristicum Augustinianum, 1977, p. 17-30. *Studia Ephemeridis Augustinianum*; 13.

<sup>26</sup> A este respeito, consultar: TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 18-27; ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 72-74; 79-82. Estes autores mencionam as tentativas de computação da data da Páscoa no calendário juliano, primeiro a 6 de abril, e a partir do século III, a 25 de março, citando os textos de Hipólito, o *Adversus Iudeos* de Tertuliano, o *Chronicon Paschale*, o texto pseudocipriano *De Pascha Computus*, o Tratado *De Solsticiis et Aequinoctiis* e a Homilia Pascal *Peri Pascha* de Melitão de Sardes. Estes textos serviram igualmente de base à sustentação da chamada "Hipótese do Cálculo".

posterior no *Comentário a Daniel* de Hipólito de Roma parece prevalecer no ambiente científico, sustentando a sua inautenticidade; assim sendo, embora relevante esta anotação para o estudo das origens do Natal, não poderá ser contada como a mais antiga referência a esta celebração<sup>27</sup>.

SNão é nosso propósito desenvolver a controvérsia da celebração quatordecimária da Páscoa nos primeiros séculos e a sua tentativa de computação pascal do décimo quarto dia da lua no calendário juliano, sistema cronológico adotado no Império Romano no ano 45 a. C., nem a dissociação cronológica sinóptica e joânica no concernente à paixão de Cristo. Esse não é o objeto do nosso estudo<sup>28</sup>. No *Comentário a Daniel*, Hipólito apresenta a mesma data para a paixão e associa-a à conceção de Cristo, indicando o seu nascimento a 25 de dezembro, como já tivemos oportunidade de mencionar<sup>29</sup>. Outros textos e autores fornecem a mesma calendarização pascal de 25 de março, entre os quais, o *Chronicon Paschale*, os *Atos de Pilatos* e o *Adverus Judaeos* de Tertuliano<sup>30</sup>.

<sup>27</sup> Cf. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 32; BRADSHAW, Paul F.; JOHNSON, Maxwell E. – *The Origins of Feasts, Fasts and Seasons in Early Christianity*. London: SPCK/Collegeville: Liturgical Press, 2011, p. 124. Alcuin Club Collections; 86; ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 81; TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 101.

<sup>28</sup> A este respeito vale a pena consultar a obra de Anscar Chupungco sobre a influência dos elementos cósmicos na celebração da Páscoa cristã: CHUPUNGCO, Anscar J. – *The Cosmic Elements of Christian Passover*. Roma: Anselmiana, 1977. *Studia Anselmiana*; 72, *Analecta Liturgica*; 3. A tese de Carl Philipp E. Nothaft é um recente contributo: NOTHAFT, C. Philipp E. – *Dating the Passion: The life of Jesus and the emergence of scientific chronology (200-1600)*. Leiden: Brill, 2012. Thomas Talley oferece uma boa síntese acerca desta questão: TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 18-27.

<sup>29</sup> HIPPOLYTE – *Commentaire sur Daniel*. IV, 23. In *SCh*, 14, p. 187.

<sup>30</sup> A combinação da distância geográfica com a falta de comunicação com os rabinos, bem como um pronunciado quatordecimanismo particularmente entre os judaico-cristãos da Ásia Menor que enfatizavam o antigo costume da celebração da Páscoa exatamente a 14 Nisan, além do uso quase universal do calendário solar juliano, resultou na adoção do 6 de abril pelos cristãos do Oriente, como equivalente ao 14 Nisan no calendário juliano. Estas comunidades escolheram o décimo quarto dia do primeiro mês da primavera, de acordo com o calendário romano, na tentativa de estabilizar uma data pascal concordante com o calendário juliano; no entanto, acabou por se perder a referência ao calendário lunar pelo qual a Páscoa judaica foi determinada. No século III, em Roma, nova tentativa de cálculo da Páscoa, coincidente com 14 Nisan no calendário juliano, resultou na data de 25 de março no ano da morte de Cristo. Cf. ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 72-74; TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 22-24. Duchesne cita inclusivamente outras referências de Clemente de Alexandria, Lactâncio, Tertuliano, a *Depositio episcoporum* do Cronógrafo Filocaliano, e o texto apócrifo "Atos de Pilatos". Cf. DUCHESNE – *Origines du culte chrétien*, p. 251.

## 2.2. Louis Duchesne e a obra *Origines du culte chrétien*

Os estudiosos da chamada Hipótese do Cálculo, especialmente a partir de Louis Duchesne, tiveram por base uma antiga tradição segundo a qual, não obstante a verdadeira data do nascimento de Cristo ser desconhecida, o 25 de dezembro seria o resultado da convicção de que Jesus, tal como os antigos patriarcas, foi concebido no mesmo dia e mês da sua paixão, a 25 de março, equinócio da primavera<sup>31</sup>.

Na sua obra *Origines du culte chrétien*, Duchesne afirma: «Chegamos à data do nascimento de Cristo, partindo do que se acreditava ser a de sua morte»<sup>32</sup>. E ainda: «A morte de Cristo foi, assim, coincidir no mesmo dia em que o mundo foi criado, depois de uma convicção universalmente aceite»<sup>33</sup>. A relação entre criação e redenção final no calendário e nas fontes judaicas é desenvolvida por Thomas Talley que, fazendo uso de algumas fontes rabínicas, à semelhança do que já tinha avançado August Strobel em 1977<sup>34</sup>, refere: «primeiramente, o tempo é considerado como uma série de anos inteiros, de modo que o dia da criação e o dia da redenção final são os mesmos e, sob a mesma base, o nascimento e a morte dos patriarcas coincide no mesmo dia e mês que marca o início do ano»<sup>35</sup>. Convicção partilhada por Carl Philipp Emmanuel Nothhaft que, na sua recente dissertação apresentada à Universidade de Munique, um estudo atual e completo sobre a influência dos cálculos cronológicos e simbólicos na datação da Páscoa entre o século III e o século XVI, explica, comentando Hipólito: «Hipólito parece ter seguido certas

<sup>31</sup> Cf. DUCHESNE – *Origines du culte chrétien*, p. 252.

O calendário hebraico, de tipo lunar, recebeu a influência babilónica no século VII a. C., depois do reinado de Josias, iniciando o ano na primavera, em *Nisan*. Composto alternadamente por 12 ou 13 meses de período igual ao de uma lunação, no qual o primeiro dia de cada mês é sempre o primeiro dia de lua nova, antes da adoção do calendário babilónico há já a referência ao início do ano no outono, no início do mês de *Tishri*, quando se celebrava a festa das colheitas, posteriormente apelidada de festa dos tabernáculos ou das tendas. Tradições distintas dentro do judaísmo foram defendendo que a criação do mundo e a redenção final, pela vinda do Messias, seriam ora em *Nisan*, ora em *Tishri*, e sobretudo apoiadas na convicção de que a redenção final coincidiria com o mesmo dia da criação do mundo, assim como o nascimento e morte dos patriarcas, o que nos ajudará a compreender alguns cálculos posteriores na computação do Natal a partir da morte, ou paixão de Cristo. Cf. ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 59-61; TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 95-98.

<sup>32</sup> DUCHESNE – *Origines du culte chrétien*, p. 250.

<sup>33</sup> DUCHESNE – *Origines du culte chrétien*, p. 252.

<sup>34</sup> Cf. STROBEL, August – *Ursprung und Geschichte des frühchristlichen Osterkalenders*. Texte und Untersuchungen zur Geschichte der altchristlichen Literatur 121. Berlin: Akademie, 1977, p. 128-133. *Apud* ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 95.

<sup>35</sup> TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 96-97.

tradições judaicas, segundo as quais, figuras importantes, em particular Isaac, filho de Abraão, nasceu na Páscoa e também morreu no mesmo dia»<sup>36</sup>.

Neste sentido o texto pseudocipriano *De Pascha Computus*<sup>37</sup>, datado de 243, e originário provavelmente do Norte de África, constitui um vestígio importante do que acabámos de mencionar. Este documento, ao qual recorreu Duchesne<sup>38</sup>, à semelhança de outras fontes, combina cronologia tradicional e configurações simbólicas e numéricas na tentativa de determinar a data e o dia da semana coincidente com o 14 Nizan. A obra procura corrigir as «Tábuas pascais» atribuídas a Hipólito, mas, tal como este, indica o 25 de março como a data histórica da paixão de Cristo, numa sexta-feira, o décimo quarto dia da lua, coincidente com o equinócio da primavera e, na convicção do autor anónimo, o primeiro dia da criação. No entanto, citando o profeta Malaquias, faz coincidir a criação do sol com o nascimento de Cristo numa quarta-feira, 28 de março, a partir de cálculos baseados na putativa data da criação, na era de Abraão e na data do Êxodo<sup>39</sup>. «O quam praeclara et divina Domini providentia, ut in illo die quo factus est sol in ipso die nasceretur Christus V kl. Apr. feria III, et ideo de ipso merito ad plebem dicebat Malachias propheta: orietur vobis sol iustitiæ et curatio est in pennis eius»<sup>40</sup>. O texto *De Pascha computus* é relevante na medida em que consiste na primeira fonte que, através de cálculos mais ou menos complexos, associa a paixão à criação do Génesis e ao nascimento de Cristo. Do mesmo modo, o que foi referido acerca do patriarca Isaac, que nasceu e morreu no mesmo dia, é igualmente aplicado a Cristo, tal como mencionou Hipólito; analogia que Duchesne teve em consideração e apoiou a teoria do cálculo para as origens do Natal, sublinhando a convicção de que Deus agiu na história humana de forma perfeita, através de sistemas numéricos e simbólicos igualmente perfeitos<sup>41</sup>. Por outro lado, não deixa de ser preponderante a analogia que esta fonte estabelece entre o Sol e Cristo, recorrendo à expressão constante em Malaquias 3,20: «Mas, para vós que respeitais o meu nome, brilhará o *Sol de Justiça*», que parece não ter uma simples função de fixação do nascimento de Cristo com o solstício de Inverno, mas apela à identificação escatológica da ressurreição de Jesus

<sup>36</sup> NOTHAFT – *Dating the Passion*, p. 48.

<sup>37</sup> THASCUS CAECILIUS CYPRIANUS, Sanctus – *De Pascha Computus*. In *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum* [=CSEL]. Ed. Guilelmus Hartel. Vindobonae: apud C. Geroldi Filium Bibliopolam Academiae, 1871, vol. 3, pars 3, p. 248-271.

<sup>38</sup> Cf. DUCHESNE – *Origines du culte chrétien*, p. 247.

<sup>39</sup> Cálculos aprofundados por Nothafft na sua obra. Cf. NOTHAFT – *Dating the Passion*, p. 52-56.

<sup>40</sup> THASCUS CAECILIUS CYPRIANUS – *De Pascha Computus*, 19. In *CSEL*, vol. 3, p. 266.

<sup>41</sup> Cf. DUCHESNE – *Origines du culte chrétien*, p. 252.

com a aurora<sup>42</sup>. Neste contexto, se, por um lado, os apoiantes da Hipótese do Cálculo, a partir de Louis Duchesne, viram nesta fonte uma forte evidência das tentativas de calculação desenvolvidas no período patrístico para o estabelecimento da festividade do Natal; por outro lado, a menção a Malaquias e a associação solar foram entendidas por Bernard Botte<sup>43</sup> e outros defensores da Hipótese da História das Religiões<sup>44</sup> como comprovativos da influência do culto solar na fixação do Natal.

No decurso da sua obra, Duchesne afirma ainda que Sozomeno, na sua *História Eclesiástica*, menciona um grupo de montanistas que celebravam a Páscoa a 6 de abril, em vez de 25 de março, catorze dias depois do equinócio, considerado por eles a 24 de março, na primeira lua cheia; concluíram que entre 6 de abril e 6 de janeiro distam nove meses, tal como entre 25 de março e 25 de dezembro, o que estaria na origem da celebração do nascimento de Jesus no Oriente, em resultado de computação pascal fundada sobre considerações simbólicas e astronómicas semelhantes às que resultaram no 25 de dezembro<sup>45</sup>. Thomas Talley faz referência a esta afirmação<sup>46</sup> e, no decurso do seu trabalho, que tivemos já a oportunidade de citar, nota que o *Peri Pascha*, uma homilia pascal escrita por volta de 165 por Melitão de Sardes, fixa a Páscoa na mesma data, 6 de abril, correspondendo à tradição mais antiga, segundo a qual utiliza o próprio termo «Pascha» designando a paixão do Senhor. Assim, torna-se claro que a paixão do Senhor não é considerada como evento distinto da sua glorificação, como os desenvolvimentos posteriores tenderam a distinguir na celebração de Sexta-Feira Santa. Toma-se evidente em Melitão que a Páscoa primitiva celebrava o memorial da morte de Jesus como a festa total da nossa redenção em Cristo, não incluindo somente a sua glorificação, mas também a sua encarnação<sup>47</sup>.

### 2.3. O tratado *De solstitiis et aequinoctiis*

Como nota Thomas Talley<sup>48</sup>, quatro anos antes da morte de Duchesne, em 1922, André Wilmart, beneditino inglês da Abadia de S. Miguel de Farnborough, publicou um estudo sobre uma coleção de trinta e oito homilias erradamente

<sup>42</sup> Cf. NOTHAFT – *Dating the Passion*, p. 52-54; ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 81-83; TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 105-107.

<sup>43</sup> Cf. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 62-65.

<sup>44</sup> Por exemplo, cf. RAHNER, Hugo – *Miti greci nell'interpretazione cristiana*. Bologna: Il Mulino, 1971, p. 156-157.

<sup>45</sup> Cf. DUCHESNE – *Origines du culte chrétien*, p. 253.

<sup>46</sup> Cf. TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 107.

<sup>47</sup> Cf. TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 25-26.

<sup>48</sup> Cf. TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 108.

atribuídas a S. João Crisóstomo<sup>49</sup>. Entre essas homilias, uma delas, na opinião de André Wilmart, da autoria de um certo «Pontius Maximinus» e de origem romana, dá, aparentemente, especial garantia às posições de Duchesne<sup>50</sup>. Trata-se do tratado intitulado *De solstitia et aequinoctia conceptionis et natiuitatis domini nostri iesu Christi et iohannis baptistae*, normalmente designado simplesmente por *De solstitiis et aequinoctiis*, que, embora constante em qualquer uma das primeiras edições impressas de S. João Crisóstomo, era praticamente desconhecido, tal como para Duchesne<sup>51</sup>. Entretanto, a obra é editada como apêndice do trabalho de Botte, *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, com introdução e respetivo aparato crítico<sup>52</sup>, onde o monge belga faz referência aos comentários de André Wilmart<sup>53</sup> e chega à conclusão de que a fonte possivelmente não será de origem romana, mas africana, pelo menos na sua forma atual, e visa promover a festa do Natal, não sendo, assim, anterior à instituição do Natal em Roma<sup>54</sup>, ao contrário da perspetiva de Thomas Talley, que refere: «Botte pensava que o objetivo da obra era ajudar à propagação do Natal em África nos anos que se seguiram imediatamente à sua instituição em Roma. Mas isso parece muito pouco provável por causa da ausência de referência a qualquer festa cristã nas quatro tēporas e da falta de atenção dada à própria natividade»<sup>55</sup>.

Ora, o tratado *De solstitiis et aequinoctiis* tornou-se pedra-de-toque no renascimento da Hipótese do Cálculo, sobretudo pelo recurso de Hieronymus Engberding num congresso ocorrido em 1949 na Abadia Beneditina de Maria-Laach<sup>56</sup>. A obra fornece-nos um paralelismo entre a conceção e o nascimento

<sup>49</sup> Cf. WILMART, André – La collection des 38 homélies latines de saint Jean Chrysostome. *Journal of Theological Studies* 19 (1917-1918) 305-327.

<sup>50</sup> Cf. WILMART – *La collection des 38 homélies latines de saint Jean Chrysostome*, p. 316.

<sup>51</sup> Cf. TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 108.

<sup>52</sup> Cf. De Solstitiis et aequinoctiis. In BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 88-105.

<sup>53</sup> Cf. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 88-92.

<sup>54</sup> Cf. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 91.

<sup>55</sup> TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 110-111.

<sup>56</sup> É em 1949, num congresso promovido pelo *Abt.-Herwegen-Institut* da Abadia de Maria-Laach, realizado de 26 a 28 de julho, que as teorias expostas em *Origines du culte chrétien* viram o seu renascimento, num debate que ocorreu no segundo dia do congresso e distanciou dois beneditinos, Hieronymus Frank e Hieronymus Engberding. O primeiro participou no congresso com uma intervenção na linha da Hipótese da História das Religiões; o segundo, por sua vez, e para espanto da comunidade científica presente, forneceu novo impulso à Hipótese do Cálculo. Cf. ENGBERDING, Hieronymus – Der 25 Dezember als Tag der Feier der Geburt des Herrn. *Archiv für Liturgiewissenschaft* 2 (1952) 25-43; FRANK, Hieronymus – Frühgeschichte und Ursprung des römischen Weihnachtsfestes im Lichte neuer Forschung. *Archiv für Liturgiewissenschaft* 2 (1952) 1-24; Zur Geschichte von Weihnachten und Epiphanie, I: Die feier der feste "natalis Salvatoris" und "epifania" un Mailand zur Zeit des Bischofs Ambrosius.

de Cristo e de João Batista, definindo quatro datas, concepção e nascimento de João e de Jesus, nos pontos cardeais das estações do ano, nos solstícios e equinócios; retomando ainda a ligação entre a concepção de Cristo e a data da sua paixão, a 25 de março<sup>57</sup>. Por outro lado, à semelhança do *De Pascha Computus*, o texto recorre ao profeta Malaquias e indica o 25 de dezembro como data do nascimento de Cristo, que adjectiva de *invictus*. «Sed et invicti natalem appellat. Quis utique tam invictus nisi dominus noster qui mortem subactam devicit? Vel quod dicant solis esse natalem ipse est sol iustitiæ de quo malachias propheta dixit: *Orietur vobis timentibus nomen ipsius sol iustitiæ et sanitas est in pennis eius*»<sup>58</sup>.

Se, por um lado, a edição de Botte pretende provar a solidez da Hipótese da História das Religiões, especialmente a partir do *De solstitiis et aequinoctiis*; por outro, consistiu num novo ponto de partida na reflexão da Hipótese do Cálculo, sobretudo para Engberding<sup>59</sup> e, mais recentemente, Talley<sup>60</sup>, que encontraram no documento nova base para a Hipótese do Cálculo, sobretudo na evidência da ligação entre a concepção de Cristo e a data da sua paixão, a 25 de março.

#### 2.4. O contributo de Thomas Talley

Uma conclusão importante que Thomas Talley trouxe, na década de 80, à reflexão sobre as origens do Natal consistiu em sublinhar que a prática do 25 de março como data pascal revela uma grande importância atribuída ao equinócio da primavera como primeiro dia da criação e, por conseguinte, o dia da nova criação representada pela ressurreição, pelo que se pode constatar nos textos que marcam o dia 25 de março como data da paixão de Cristo; algo que estava já subjacente nos ensinamentos rabínicos que consideravam a Páscoa

*Jahrbuch für Liturgiewissenschaft* 12 (1932) 145-155; Zur Geschichte von Weihnachten und Epiphanie, II: Indirekte zeugnisse des hl. Ambrosius für das Weihnachtsfest. *Jahrbuch für Liturgiewissenschaft* 13 (1933) 1-38.

<sup>57</sup> Cf. *De solstitiis et aequinoctiis*, 230-239. In BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 99.

<sup>58</sup> *De solstitiis et aequinoctiis*, 425-439. In BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 105. Sublinhados e negritos são da nossa responsabilidade.

<sup>59</sup> Cf. ENGBERDING – *Der 25 Dezember als Tag der Feier der Geburt des Herrn*, p. 34.

<sup>60</sup> «Mas, se o ponto de partida da sua argumentação não é a identificação da data da morte do Senhor com o dia da sua concepção, portanto essa ideia é claramente e muitas vezes utilizada, e dá plena consistência à hipótese de Duchesne. A determinação da data do nascimento de Cristo a partir da de sua morte e da sua concepção, e a validação histórica dessa data da concepção, em referência à concepção de Isabel, tudo isso é baseado em fontes bíblicas (mesmo mal utilizadas) e sem qualquer referência às celebrações públicas pagãs». TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 111-112.

como primeiro dia da criação<sup>61</sup>. Ora, o reputado liturgista norte-americano de tradição anglicana, recorrendo a fontes rabínicas, procurou mostrar a interligação entre criação, espera escatológica e redenção final nas celebrações judaicas, notando que, se para alguns rabinos o início do ano correspondia ao outono, para outros, a criação começava na primavera, considerando Nizan, como primeiro mês do ano, chegando à conclusão, já ponderada por August Strobel<sup>62</sup>, de que, segundo o tratado rabínico do século II *Rosh Hashana*, o dia da criação e o dia da redenção final são os mesmos e, na mesma base, o nascimento e a morte dos grandes patriarcas coincide no mesmo dia, e no mesmo mês que marca, igualmente, o início do ano, ou seja, no mês de Nizan, reforçando os argumentos da Hipótese do Cálculo e os dados constantes no *De Pascha Computus*<sup>63</sup>.

Nos seus estudos sobre as origens do Natal, Thomas Talley cita ainda um outro documento relevante<sup>64</sup>, já considerado por Gottfried Brunner e Hans Lietzmann<sup>65</sup>, e posteriormente por Leonard Fendt<sup>66</sup>. Trata-se de uma Homilia para a Epifania (Sermão 202) de Santo Agostinho, onde o bispo hiponense refere que os donatistas, grupo herético do Norte de África, não celebravam a festa da Epifania na mesma data que a Igreja<sup>67</sup>. Talley conclui que a festa em questão celebra a Adoração dos Magos e constata que Agostinho não faz a mesma observação à celebração do Natal, nem neste sermão nem noutro, o que o leva a pressupor, ao contrário de Botte<sup>68</sup>, que este grupo separado celebraria já o Natal, e que no Norte de África, tal como em Roma, essa festa fora estabelecida antes da celebração da Epifania, sendo, nesse caso, anterior ao cisma donatista de 311, o que poderá suportar a tese de que, ao contrário do que a maioria dos estudiosos defende, o Natal não terá uma origem romana, mas possivelmente ter-se-á estabelecido *a priori* no Norte de África<sup>69</sup>. Mais ainda, o *De Pascha Computus*, documento norte-africano datado de 243, refere-se ao nascimento

<sup>61</sup> Cf. TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 24-25.

<sup>62</sup> Cf. STROBEL – *Ursprung und Geschichte des frühchristlichen Osterkalenders*, p. 128-133. *Apud* ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 95.

<sup>63</sup> Cf. TALLEY – *History and Eschatology in the primitive Pascha*, p. 212-221. TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 95-98.

<sup>64</sup> Cf. TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 102.

<sup>65</sup> Cf. TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 101.

<sup>66</sup> Cf. FENDT – *Der heutige Stand der Forschung über das Geburtsfest Jesu am 25.12 und über Epiphanie. Theologische Literaturzeitung* 78 (1953) 1-10. *Apud* ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 92-93.

<sup>67</sup> Cf. AURELIUS AUGUSTINUS – *Sermo 202, 2*. In *PL*, vol. 38, 1033-1034.

<sup>68</sup> Cf. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de L'Épiphanie*, p. 39.

<sup>69</sup> Cf. TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 102; TALLEY – *Constantine and Christmas. In Between Memory and Hope*, p. 265-266.

de Cristo e considera-o «Sol da Justiça», citando Malaquias; ora, o autor anónimo considera já o nascimento de Cristo como *natalis solis iustitiæ*, antes da instituição da festa do *Natalis solis invicti* pelo imperador Aureliano, em 274, o que, de acordo com Talley, poderá levar-nos a pressupor, por um lado, que a associação de Cristo com o sol, tendo por base a profecia de Malaquias, poderá ter encorajado a adoção por parte dos cristãos da festa de Aureliano; mas, por outro, não negando de antemão a associação feita entre Cristo e a festa solar imperial, não poderemos deixar de colocar como hipótese que a festa do Natal seja anterior e independente de qualquer influência solar pagã, ao contrário do que defende a Hipótese da História das Religiões e, assim sendo, deverá considerar-se o possível estabelecimento da celebração natalícia do 25 de dezembro, se celebrada já pelos donatistas, como poderemos subentender pelo sermão agostiniano como *argumentum ex silentium*<sup>70</sup>, entre 243, data do *De Pascha Computus*, e 311, data do cisma donatista do Norte de África, até 336, data do material primitivo do Cronógrafo Filocaliano<sup>71</sup>.

A tese de Thomas Talley mereceu uma forte crítica em 2006, por parte do compatriota Martin Connell, professor associado de liturgia na Saint John's University em Collegeville, Minnesota, que censura o liturgista anglicano por tentar temporizar as origens do Natal antes do início do século IV, não existindo qualquer tipo de referência nem em Roma, nem em nenhum outro lugar, que suporte essa ideia<sup>72</sup>. Por outro lado, como nota Paul Bradshaw, o desenvolvimento recente da Hipótese do Cálculo, sobretudo protagonizado por Thomas Talley, não teve o condão de oferecer grandes avanços ao cerne da questão, não conseguindo provar qualquer nova evidência para a alegada identificação entre os primeiros cristãos da data da conceção e morte de Cristo, que esteve na génese da hipótese<sup>73</sup>.

### 3. A Hipótese da História das Religiões

No estudo das origens da celebração do Natal, a tese que recolheu maior apoio nos estudos da história litúrgica foi apelidada de «Hipótese da História das Religiões», «The History of Religions Hypothesis», ou, em ambiente

<sup>70</sup> Expressão utilizada para nomear a tese de Fendt e Talley que defendem a origem da celebração do Natal no Norte de África. Cf. BRADSHAW; JOHNSON – *The Origins of Feasts, Fasts and Seasons in Early Christianity*, p. 126; ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 93.

<sup>71</sup> Cf. TALLEY – *Les Origines de l'année liturgique*, p. 106-107; TALLEY – *Le Temps Liturgique dans l'Église Ancienne*, p. 41; TALLEY – *Constantine and Christmas*. In *Between Memory and Hope*, p. 266.

<sup>72</sup> Cf. CONNELL – *Eternity Today*, vol. 1, p. 107.

<sup>73</sup> Cf. BRADSHAW; JOHNSON – *The Origins of Feasts, Fasts and Seasons in Early Christianity*, p. 127.

germânico, «apologetisch-religionsgeschichtliche Hypothese». Susan Roll explica-nos que o segundo termo, na designação germânica, é traduzido literalmente por “história das religiões” mas refere-se à dificuldade altamente complicada de traçar derivações e influências cruzadas em conceitos, costumes e cultos de diversas religiões em proximidade umas com as outras<sup>74</sup>, enquanto, no primeiro termo, “apologetisch”, o elemento apologético refere-se aos cristãos ortodoxos, fiéis ao Concílio de Niceia, que defenderam e justificaram a sua fé, por um lado, contra os não cristãos de qualquer sistema de crenças, e, por outro lado, contra os cristãos que suportavam crenças e práticas heterodoxas, consideradas heresias<sup>75</sup>. De facto, a palavra alemã que designa a hipótese maioritariamente defendida sobre as origens do Natal no Ocidente exprime melhor a sua base argumentativa. Fortemente desenvolvida no concernente às múltiplas influências dos cultos das civilizações circumediterrâneas e, neste âmbito, mormente explorada a relação da festa do Natal cristão com o seu contexto social e cultural não cristão, sobretudo no contacto com o *Natalis Solis Invicti* de 25 de dezembro, e o culto solar, em geral, patrocinado pelo Império; na *apologetisch-religionsgeschichtliche Hypothese*, o elemento apologético, muitas vezes empregue como sinónimo do que acaba de ser dito, tem sido desenvolvido mais recentemente, no sentido das disputas dogmáticas que caracterizaram o cristianismo em torno de Niceia, pelos séculos IV-V, aspeto menos abordado academicamente nas primeiras incursões contemporâneas<sup>76</sup>.

Ora, foi a coincidência entre a celebração natalícia do 25 de dezembro e a festa romana *Natalis Solis Invicti*, à qual se refere o Cronógrafo Filocaliano<sup>77</sup>, instituída como *Dominus imperii romani*, divindade oficial e protetora do império e do imperador por Aureliano em 274, aquando da dedicação de um majestoso templo romano no *Campus Agrippae*, depois da vitória sobre os sírios, e estabelecendo no solstício de inverno o festival anual *Dies Solis Invicti*, que sustentou a tese da História das Religiões, amplamente desenvolvida nos finais do século XIX, sobretudo a partir de Hermann Usener<sup>78</sup>.

<sup>74</sup> Cf. ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 127; Cf. ROLL – *The Origins of Christmas*, p. 277.

<sup>75</sup> Cf. ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 127; Cf. ROLL – *The Origins of Christmas*, p. 278-279.

<sup>76</sup> Cf. ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 165.

<sup>77</sup> Cf. *Inscriptiones Latinae Antiquissimae*. In *CIL*, 1, p. 356.

<sup>78</sup> A associação entre o nascimento de Cristo e o culto solar está longe de ser inédita nos finais do século XIX. Foi considerada uma glosa síriaca, publicada por Assemanus na sua *Bibliotheca Orientalis* colocada posteriormente à margem de um manuscrito de Dionysius Bar-Salibi, bispo e escritor da Igreja Ortodoxa síriaca, falecido em 1171, mas provavelmente ainda no decorrer do século XII. Além da afirmação de que o Natal e a Epifania teriam sido celebrados no mesmo dia, tal como era prática da Igreja armenia, e associando também o Batismo, é a relação entre a celebração

### 3.1. Hermann Usener e a obra *Das Weihnachtsfest*

Hermann Karl Usener, filólogo alemão, especialista na religião da Antiga Grécia e promotor da História Comparada das Religiões, tornou-se determinante para o estudo das origens da celebração do Natal, sobretudo a partir da sua obra *Das Weihnachtsfest*, que teve a sua primeira edição em 1889<sup>79</sup>, e dum artigo publicado em 1905 na revista germânica *Rheinisches Museum für Philologie*<sup>80</sup>. É relevante notar, contudo, que só a partir do artigo de 1905 e da segunda edição de *Das Weihnachtsfest*, editada por Hans Lietzmann em 1911<sup>81</sup>, sendo já falecido o filólogo, e consequentemente na terceira<sup>82</sup>, é oferecido um tratamento especial ao culto do *Sol Invictus*, bem como à relação entre as práticas culturais pagãs e a origem do Natal.

O contributo de Usener em *Das Weihnachtsfest*, recentemente analisado e criticado<sup>83</sup>, examina a instituição da festa do Natal na Capadócia, em 378, na tentativa de fixar a sua origem, corroborar a sua génese romana e a relação com a festividade do *Sol Invictus*<sup>84</sup>, e anota as primeiras celebrações em Antioquia, provavelmente em 388<sup>85</sup>, a partir da análise dos sermões de S. João Crisóstomo, e em Constantinopla, em 379<sup>86</sup>. Defendendo a origem romana da

do 25 de dezembro e o culto solar pagão e respetivos costumes, argumento desenvolvido pela Hipótese da História das Religiões, que nos chama a atenção neste documento. É certo que, para alguns autores, este excerto pressupõe ainda a preexistência da festa da Epifania no Oriente e na Gália, mas não no Ocidente, reforçando o *argumentum ex silentio* ao qual já tivemos oportunidade de aludir quando falámos no contributo de Thomas Talley para a Teoria do Cálculo. No entanto, segundo Bernard Botte, embora não possamos exagerar o valor deste texto tardio, por não nos levar às origens históricas da festa de Natal, a glosa é interessante porque mostra que a explicação é natural e tem em conta o contexto onde a festa nasceu, a Igreja de Roma. Cf. *BIBLIOTHECA ORIENTALIS CLEMENTINO-VATICANA in qua manuscriptos codices Syriacos, Arabicos, Persicos, Turcicos, Hebraicos, Samaritanos, Armenicos, Aethiopicos, Graecos, Aegyptiacos, Ibericos, & Malabaricos, jussu et munificentia Clementis XI [...] ex Oriente conquistos, comparatos, avectos, & Bibliothecae Vaticanae addictos*. ed. Joseph Simonius Assemanus. Romae: typis Sacrae Congregationis de Propaganda Fide, 1721, vol. 2, p. 164-165. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 66; USENER – *Das Weihnachtsfest*, p. 349-350.

<sup>79</sup> USENER – *Das Weihnachtsfest*. 1.ª ed. Bonn: Cohen, 1889.

<sup>80</sup> USENER – *Sol Invictus*. *Rheinisches Museum für Philologie* 60 (1905) 465-491.

<sup>81</sup> USENER – *Das Weihnachtsfest*. ed. Hans Lietzmann. 2.ª ed. Bonn: Cohen, 1911.

<sup>82</sup> USENER – *Das Weihnachtsfest*. 3.ª ed. Bonn: Bouvier, 1969.

<sup>83</sup> Cf. HIJMANS – *Sol Invictus, The Winter Solstice, and the Origins of Christmas*, p. 377-398; HIJMANS – *Sol: The sun in the art and religions of Rome*, vol. 1, p. 609-620; HIJMANS – *Usener's Christmas*. In *Die Metamorphosen der Philologie*, p. 139-152; NOTHAFT – *The Origins of the Christmas Date*, p. 903-911; ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 131-135.

<sup>84</sup> Cf. USENER – *Das Weihnachtsfest*. 3.ª ed., p. 249-259.

<sup>85</sup> Cf. USENER – *Das Weihnachtsfest*. 3.ª ed., p. 221-247.

<sup>86</sup> USENER – *Das Weihnachtsfest*. 3.ª ed., p. 269.

celebração natalícia no Ocidente, afirma que esta festa cristã foi estabelecida em Roma, em 354, pelo papa Libério, apoiando o seu argumento no Cronógrafo Filocaliano e num texto de Santo Ambrósio de Milão, datado de 378, constante no terceiro livro do *De virginibus*<sup>87</sup>, no qual é feita memória de uma homilia atribuída a Libério na consagração e dedicação da virgindade de Marcelina, irmã de Ambrósio, ocorrida cerca de vinte anos antes, no dia de Natal, em S. Pedro, Roma, referindo não só a celebração do nascimento do Salvador, mas igualmente os temas do milagre das Bodas de Caná e a multiplicação dos pães<sup>88</sup>. Usener, servindo-se do *Chronographus*<sup>89</sup>, do tratado *De Solstitiis*<sup>90</sup>, de uma glosa de Dionysius Bar-Salibi<sup>91</sup>, do *Comentário a Daniel* de Hipólito<sup>92</sup>, entre outras fontes, conclui que, até ao pontificado de Libério, ainda que o 25 de dezembro fosse considerado como aniversário histórico do nascimento de Cristo, na linha de Ambrósio e Agostinho, o Natal seria provavelmente festejado a 6 de janeiro, com os motivos típicos da Epifania<sup>93</sup>, até ao tempo do Cronógrafo, quando, pela ação do mesmo papa, de acordo com o filólogo alemão, se promoveu a data do 25 de dezembro, na tentativa de suplantar o culto solar imperial fortemente manifestado na festa do *Natalis Solis Invicti*<sup>94</sup>, que tinha o seu festival nessa mesma data, o que levaria o papa à fundação da Basílica romana de Santa Maria Maior para repositório da verdadeira manjedoura, tornando-a igreja estacional para a celebração da Vigília do Natal<sup>95</sup>.

No tocante ao culto solar imperial, Usener defende que, pela ação do imperador Elagabalus de Emesa (Varius Avitus Bassianus), de origem síria, assassinado em 222, importou-se e estabeleceu-se proeminentemente o culto sírio ao *Sol Invictus* de Emesa, promovendo amplamente o seu culto nas cerimónias e festas imperiais, tanto no Senado, como na vida pública<sup>96</sup>. Usener

<sup>87</sup> Cf. AMBROSIUS MEDIOLANENSIS EPISCOPI, Sanctus – De Virginibus: Ad Marcellinam Sororem Suam. In *PL*, 1845, vol. 16, 187-232. Para a maioria dos autores, trata-se da mais antiga referência à celebração ocidental do Natal, fora de Roma. Cf. CONNELL – *When Did Ambrose's Sister Become a Virgin?*, p. 145-158; CONNELL – *The Origins and Evolution of Advent in the West*. In *Between Memory and Hope*, p. 349-371, especialmente as p. 355-356.

<sup>88</sup> Cf. AMBROSIUS MEDIOLANENSIS EPISCOPUS – De Virginibus. 3, 1, 1. In *PL*, vol. 16, 219-220.

<sup>89</sup> Cf. USENER – *Sol Invictus*, p. 465-490.

<sup>90</sup> Cf. USENER – *Sol Invictus*, p. 465-466.

<sup>91</sup> Cf. USENER – *Sol Invictus*, p. 466.

<sup>92</sup> Cf. USENER – *Sol Invictus*, p. 482-488.

<sup>93</sup> Como era prática na Igreja de Milão.

<sup>94</sup> O culto e a festa ao *Sol Invictus* são apoiados por Usener a partir da análise de algumas moedas do império romano do período de Aureliano. Cf. USENER – *Das Weihnachtsfest*. 3.ª ed, p. 351-368.

<sup>95</sup> Cf. USENER – *Das Weihnachtsfest*. 3.ª ed, p. 273-301.

<sup>96</sup> Cf. USENER – *Sol Invictus*, p. 469-473. Com o desenvolvimento do estudo sobre o culto solar na Roma Antiga, chegou-se à conclusão da existência por volta do século I a. C. e anterior às influências culturais orientais, de um culto solar nativo, o "Sol Indiges Heliogabalus", que os historiadores

refere ainda que, com a morte de Elagabalus, o culto à divindade de Emesa entra em declínio, sendo restabelecida por Aureliano, que se identifica, ele próprio, com o *Sol Invictus*, proclamando-o, em 274, protetor oficial do Império e do Imperador, atribuindo-lhe o patrocínio na vitória sobre a Rainha Septímia Zenóbia, em Palmira (Síria), dedicando-lhe um templo no *Campus Agrippae*, fundando um novo colégio de sacerdotes e fixando a sua festa anual como *Dies Solis Invicti*, com trinta corridas de bigas e concursos de atletismo, os *Agones Solis*, no solstício de inverno, 25 de dezembro, imediatamente depois dos *Saturnalia*, festival dedicado a Saturno que ocorria entre 17 e 23 de dezembro<sup>97</sup>. A Usener não escapa ainda a influência do culto mitraico, anterior ao culto de Emesa, sublinhando que o nascimento de *Mithras*, deus guerreiro da luz, apelidado de invencível (*invictus*), era celebrado ancestralmente a 25 de dezembro<sup>98</sup>. Usener, embora identifique a instituição do Natal no tempo do imperador Libério, afirma a proteção de Constantino na promoção da festividade cristã, num esforço de sincretismo religioso<sup>99</sup>. O 25 de dezembro é entendido, assim, como metamorfose substituta do culto solar pagão, fundamentada pela convicção de que Cristo é o verdadeiro “Sol da Justiça”, numa expressão

dos inícios do século XX, como Usener, parecem ter desconhecido. Nos inícios do século II, este culto solar gradualmente desaparece, em detrimento das influências culturais e religiosas orientais, trazidas pelo exército. É neste contexto que surge em Roma o culto ao deus iraniano *Mithras*, o deus da luz, deus guerreiro masculino, apelidado de invencível, *invictus*, cujo aniversário era precisamente celebrado a 25 de dezembro; este deus, embora nunca tivesse tido reconhecimento oficial, era venerado em círculos mais íntimos, caracterizados pela tolerância relativa a outros cultos, algumas expectativas morais e míticas e uma iniciação em sete estádios. É no contexto da estadia das tropas romanas na Síria e da presença de numerosos sírios no próprio exército romano, bem como das relações imperiais com a classe religiosa de Emesa, que é introduzido gradativamente em Roma o culto ao deus solar sírio, apelidado, tal como *Mithras*, de *Sol Invictus*. A emergência do culto a esta divindade de Emesa corresponde ao declínio do mitraísmo em Roma. Cf. ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 109-113; TALLEY – *Les Origines de l’année liturgique*, p. 104.

<sup>97</sup> Cf. USENER – *Sol Invictus*, p. 465-469.

<sup>98</sup> Cf. USENER – *Sol Invictus*, p. 469. Para um estudo mais exaustivo e atual sobre a religião e cultura do mitraísmo, cf. ALTHEIM, Franz – *Deus Invictus: Le religioni e la fine del mondo antico*. Roma: Edizioni Mediterranee, 2007; BECK, Roger – *The Religion of the Mithras Cult in the Roman Empire: Mysteries of the Unconquered Sun*. New York: Oxford University Press, 2006; CLAUS, Manfred – *The Roman Cult of Mithras: The God and his mysteries*. New York: Routledge, 2001. Este último estabelece uma comparação entre Mitra e Cristo a partir da página 168.

<sup>99</sup> Cf. USENER – *Sol Invictus*, p. 478. Ultimamente tem sido questionada a intervenção de Constantino na difusão da celebração do Natal. Oportunamente retomaremos este tema. Cf. HIJMANS – *Sol Invictus, The Winter Solstice, and the Origins of Christmas*, p. 381-390; HIJMANS – *Sol: The sun in the art and religions of Rome*, vol. 1, p. 609-620; HIJMANS – *Usener’s Christmas*, p. 147-148; NOTHAFT – *The Origins of the Christmas Date*, p. 903-911; ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 114-117; TALLEY – *Les Origines de l’année liturgique*, p. 105; TALLEY – *Constantine and Christmas*. In *Between Memory and Hope*, p. 265-272.

usada pelo profeta Malaquias, sublinhada pelo autor do tratado *De Solstitiis*<sup>100</sup> e comentada num sermão de Máximo de Turim<sup>101</sup>, convicção justificada pela referência feita pelo *Chronographus*, ao *Natalis Invicti*, como nota Usener<sup>102</sup>.

### 3.2. O estudo preponderante de Bernard Botte

Em 1932, a publicação do estudo sobre as origens do Natal e da Epifania do beneditino belga Bernard Botte<sup>103</sup> viria assumir um novo ponto de partida para a perspetiva da História das Religiões, tomando-o referência obrigatória nos posteriores desenvolvimentos<sup>104</sup>. *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, assumindo a tradição apresentada por Usener, não se limita a desenvolver e a questionar as suas afirmações, mas analisa criticamente as fontes e relaciona a génese das duas festividades do nascimento de Cristo, tanto no Ocidente como no Oriente<sup>105</sup>.

<sup>100</sup> Cf. USENER – *Sol Invictus*, p. 466.

<sup>101</sup> A alusão feita por Máximo de Turim no seu sermão insere-se no contexto da relação que estabelece entre o nascimento de Cristo e o nascimento de João Batista e a simetria entre os solstícios de inverno e verão, à semelhança do tratado *De Solstitiis*. Cf. MAXIMUS EPISCOPUS TAURINENSIS – *Sermones*. Ed. Almut Mutzenbecher. In *Corpus Christianorum Series Latina* [=CCL]. Turnhout: Brepols, 1962, vol. 23, p. 394; Cf. USENER – *Das Weihnachtsfest*, 3.<sup>a</sup> ed, p. 366-367.

<sup>102</sup> Cf. USENER – *Sol Invictus*, p. 465-489-490.

<sup>103</sup> Uma boa síntese biográfica acerca da vida e obra de Dom Botte é oferecida por Pierre-Marie Gy, cf. GY, Pierre-Marie – *La Liturgie dans l'histoire*. Paris: Editions Saint-Paul e Cerf, 1990, p. 301-308. Nesta mesma obra, o autor faz uma breve síntese das origens do Natal, nas páginas 68 e 69.

<sup>104</sup> Entre Usener e Botte surgiram alguns trabalhos, sobretudo em língua alemã, que sublinharam fundamentalmente os argumentos do primeiro, desenvolvendo principalmente o simbolismo solar e a sua identificação com Cristo como manifestação da influência dos mistérios rituais helénicos antigos (Odo Casel) e dos cultos mitraico e romano, bem como o tratamento de algumas fontes, como o Discurso de Libério. Cf. CASEL, Odo – *Zur Idee des liturgischen Festfeier*. *Jahrbuch für Liturgiewissenschaft* 3 (1923) 93-99; CASEL, Odo – *Mysteriumgegenwart*. *Jahrbuch für Liturgiewissenschaft* 8 (1928) 145-224; CASEL, Odo – *La "Nova nativitas" dans les oraisons de Noël*. *Questions Liturgiques et Paroissiales* 17 (1932) 285-293; CASPARI, Walter – *Das Weihnachtsfest in religionsgeschichtlicher Beleuchtung*. *Theologisches Literaturblatt* 32:16 (1911) 361-366; DÖLGER, Franz Joseph – *Die Sonne der Gerechtigkeit und der Schwarze: Eine religionsgeschichtliche Studie zum Taufgelöbnis*. Münster in W.: Aschendorff, 1919. *Liturgiegeschichtliche Forschungen*; 2; DÖLGER, Franz Joseph – *Sol Salutis: Gebet und Gesang im christlichen Altertum*. Münster in W.: Aschendorff, 1925. *Liturgiegeschichtliche Forschungen*; 4-5; HOLL, Karl – *Der Ursprung des Epiphaniensfestes*. In HOLL, Karl – *Gesammelte Aufsätze der Kirchengeschichte*. Tübingen: Mohr, 1928, vol. 2; HOLLARD, Auguste – *Les origines de la fête de Noël*. *Revue d'histoire et de Philosophie Religieuses* 11 (1931) 256-274; LIETZMANN, Hans – *Petrus und Paulus in Rom*. 2.<sup>a</sup> ed. Berlin e Leipzig: De Gruyter, 1927, p. 103-109; THIBAUT, J.-B. – *La solennité de Noël*. *Échos d'Orient* 118 (1920) 153-162.

<sup>105</sup> No mesmo ano que publica a sua obra, Botte edita também breves linhas sobre esta matéria. BOTTE, Bernard – *Notes et documents: Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*. *Questions Liturgiques et Paroissiales* 17 (1932) 309-310.

É no capítulo terceiro da sua obra que Botte se debruça mais especificamente sobre as origens, primeiramente, da festa do Natal<sup>106</sup> e, seguidamente, da festa da Epifania<sup>107</sup>, identificando as duas hipóteses para o surgimento do 25 de dezembro<sup>108</sup>, analisando criticamente as posições de Duchesne, mostrando que a celebração natalícia surge num contexto de intercâmbio da Igreja com a cultura pagã<sup>109</sup> e, mais ainda, que a Igreja quis opor a uma festa pagã, uma solenidade cristã<sup>110</sup>. Justifica a influência das antigas festas solares do solstício de inverno na determinação do 25 de dezembro, como dia aniversário do nascimento de Cristo<sup>111</sup>, citando o *Panarion* de Epifânio de Salamina que, embora temporize o nascimento de Cristo a 6 de janeiro, o oitavo dia antes dos idos de janeiro, enuncia algumas festividades relacionadas com o solstício de inverno, celebradas oito dias antes das calendas de janeiro (25 de dezembro), «quando a luz começa a aumentar e os gregos celebravam uma festa que os romanos chamam *Saturnalia*, os egípcios *Kronia*, e os alexandrinos *Kikellia*»<sup>112</sup>.

Botte aborda ainda o culto solar em Roma, desde o mitraísmo ao culto imperial ao *deus invictus*, com Elagabalus que colocou o “Baal de Emesa” no topo do panteão, o patrocínio protagonizado por Aureliano a partir de 274 e o sincretismo solar e influência do neoplatonismo na reforma de Juliano, o Apóstata<sup>113</sup>. Cita ainda um texto de S. Leão Magno, no qual este papa se lamenta dos cristãos que visitam S. Pedro, mas, ao mesmo tempo, prestam culto ao “disco irradiante”, corroborando o sincretismo solar e religioso vigente no século V<sup>114</sup>.

<sup>106</sup> Cf. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 59-67.

<sup>107</sup> Cf. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 67-83.

<sup>108</sup> Cf. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 60.

<sup>109</sup> Cf. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 61-62.

<sup>110</sup> «No caso do Natal, não há nada de assustador: a Igreja opôs a uma festa pagã uma festa cristã». BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 62.

<sup>111</sup> Cf. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 71. A este respeito, Botte cita Eduard Norden que, em 1924, na obra *Die Geburt des Kindes*, sustenta que as celebrações festivas de 6 de janeiro e 25 de dezembro estão relacionadas com a data paleoegípcia do solstício de inverno. Cf. NORDEN, Eduard – *Die Geburt des Kindes: Geschichte einer religiösen Idee*. Leipzig: Teubner, 1924, p. 38.

<sup>112</sup> Cf. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 62. EPIPHANIUS – *Panarion Haereses II*, 51, 22. Ed. Karl Holl. In *Die Griechischen Christlichen Schriftsteller der ersten Jahrhunderte*. Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1922, vol. 31, p. 284.

<sup>113</sup> Cf. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 62.

<sup>114</sup> Cf. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 63. Botte cita S. Leão Magno a partir da *Patrologia Latina*. Trata-se de um excerto do Sermão 27, “In Nativitate Domini”, que transcrevemos: «De talibus instituis etiam illa generatur impietas ut sol in inchoatione diurnae lucis exsurgens a quibusdam insipientioribus adoretur; quod nonnulli etiam christiani adeo se religiose facere putant ut priusquam ad B. Petri apostoli basilicam, quae uni uiuo et uero Deo est dedicata,

O beneditino de Mont César demonstra ainda a marca do simbolismo solar no ambiente cristão dos primeiros séculos, presente nalguns textos patrísticos que reinterpretem a Escritura e, nomeadamente, o profeta Malaquias na expressão “o Sol da Justiça”, referindo alguns autores como Clemente de Alexandria, Hipólito, Orígenes e Cipriano; recorrendo ao texto pseudo-cipriano *De Pascha Computus*<sup>115</sup>, contradiz a explicação de Duchesne<sup>116</sup>, veiculando a identificação da data do nascimento de Cristo com a festa do *Natalis Invicti*, à semelhança de Usener, justificando com excertos de S. Jerónimo, do tratado *De Solstitiis* – que o próprio autor edita, analisa e interpreta, em apêndice, na sua obra<sup>117</sup> –, de Máximo de Turim e de S. Pedro Crisólogo, e transcrevendo a glosa siríaca constante no manuscrito de Dionysius Bar-Salibi que representa, para o autor de *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, uma real tradição histórica remontante às origens do Natal em Roma<sup>118</sup>.

A obra de Botte tem o benefício de expor bem o intercâmbio múltiplo, diversificado e sucessivo na formação das duas festividades cristãs do mistério da Encarnação, na assimilação progressiva da Epifania, no Ocidente, e do Natal, nas Igrejas do Oriente, bem menos unânime, como o próprio reconhece na conclusão da sua obra<sup>119</sup>. Relevante é, ainda, o reconhecimento do contexto controverso dos grandes debates teológicos e cristológicos onde elas se desenvolveram a partir do século IV, servindo para veicular a fé ortodoxa e os dogmas afirmados em Niceia, Éfeso e Calcedónia<sup>120</sup>.

Cerca de trinta e cinco anos depois da publicação de *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, é o próprio autor quem comenta a sua obra, dizendo:

«A partir do século IV surgem o Natal e a Epifania. Justificámos estas festas pelas solenidades pagãs do solstício de inverno, e estávamos certos. Dissemos que a Igreja tinha cristianizado essas festas pagãs, e estávamos errados. As festas pagãs têm servido como ponto de partida e estimulante. Mas o Natal e a Epifania não fizeram mais que desenvolver elementos

perveniant, superatis gradibus quibus ad suggestum areae superioris ascenditur, conuerso corpore ad nascentem se solem reflectant et curuatis ceruiibus in honorem se splendidi orbis inclinent». LEO MAGNUS ROMANUS PONTIFEX, Sanctus – Tractatus Septem et Nonaginta. Tractatus 27, 4. Ed. Antoine Chavasse. In *CCL*. Turnhout: Brepols, 1973, vol. 138, p. 132.

<sup>115</sup> Cf. THASCUS CAECILIUS CYPRIANUS – *De Pascha Computus*, 19. In *CSEL*, vol. 3, 3, p. 248-271.

<sup>116</sup> Cf. DUCHESNE – *Origines du culte chrétien*, p. 247.

<sup>117</sup> Cf. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 88-105.

<sup>118</sup> Cf. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 63-66.

<sup>119</sup> Cf. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 84-85.

<sup>120</sup> Cf. BOTTE – *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, p. 86. Botte conclui esta ideia, comentando: «Portanto, quando digo festa da Encarnação, eu não me refiro somente à comemoração da Encarnação, mas ao mistério e dogma da Encarnação.»

autenticamente cristãos e bíblicos, e deram ao ano litúrgico toda a sua dimensão e equilíbrio»<sup>121</sup>.

De modo genérico, o trabalho de Botte colheu boa receptividade junto da comunidade científica que, não poupando uma ou outra crítica de pormenor, publicou recensões e comentários em diversas revistas da especialidade<sup>122</sup>. O seu contributo veio solidificar a Hipótese da História das Religiões, permitindo que fosse amplamente considerada até aos nossos dias, especialmente nos estudos em língua românica<sup>123</sup>. Neste contexto, foi relevante a reedição póstuma da obra de Anton Baumstark *Liturgie comparée*, que reúne uma série de conferências proferidas em 1932 – o mesmo ano de publicação de *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie* – no mosteiro beneditino de Amay-sur-Meuse, na Bélgica, num estudo científico que recorre ao método comparativo. Esta nova edição, divergindo pouco relativamente à original, foi revista e anotada por Bernard Botte em 1953, deixando a sua marca pessoal com complementos bibliográficos, retificações a algumas afirmações do autor, e mesmo algum desacordo sobretudo no tratamento da liturgia cristã em relação com os cultos pagãos, especialmente nas origens do Natal e da Epifania. A existência de algumas divergências no tratamento destes temas não deixou de possibilitar que a obra de Baumstark<sup>124</sup>, respeitada por Botte, tenha servido para reforçar fundamentalmente a linha comum da História das Religiões, que veio a ser desenvolvida nos decénios seguintes até aos nossos dias<sup>125</sup>.

<sup>121</sup> BOTTE – Maranatha. In *Noël, Épiphanie, Retour du Christ: Semaine liturgique de l'Institut Saint-Serge*. Paris: Cerf, 1967, p. 42. Lex Orandi; 20.

<sup>122</sup> Susan Roll elenca uma série de recensões e comentários publicados nos anos sucessivos ao aparecimento de *Les Origines de la Noël et de l'Épiphanie*, destacando-se as reações de Odo Casel, Mohlberg, Lambot e Michel Andrieu, este último talvez o mais crítico. Cf. ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 141-142.

<sup>123</sup> Cf. ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 96; ROLL – *The Origins of Christmas*. In *Between Memory and Hope*, p. 289-290.

<sup>124</sup> Cf. BAUMSTARK, Anton – *Liturgie comparée: Principes et methods pour l'étude historique des liturgies chrétiennes*. 3.<sup>a</sup> ed. revista. Comentário e notas de Bernard Botte. Chevetogne e Paris: Éditions Chevetogne, 1953, p. 170.

<sup>125</sup> Sem querermos ser exaustivos, aqui ficam algumas referências: ADAM – *The Liturgical Year*, p. 122-125; AUF DER MAUR – *Le celebrazioni nel ritmo del tempo*, vol. 1, p. 248-264; BERNAL – *Para viver o Ano Litúrgico*, p. 277-303; CASTELLANO, Jesus – *La Navidad: Historia y teología*. Phase 174 (1989) 481-490; CULLMANN, Oscar – *Noël dans l'Eglise ancienne*. Neuchâtel: Delachaux & Niestlé, 1949, p. 24-25. *Cahiers Théologiques de l'Actualité Protestante*; 25; DIX – *The Shape of the Liturgy*, p. 357; FÖRSTER, Hans – *Die Feier der Geburt Christi in der Alten Kirche*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000. *Studien und Texte zu Antike und Christentum*; 4; FÖRSTER, Hans – *Die Anfänge von Weihnachten und Epiphánias*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2007. *Studien und Texte zu Antike*

#### 4. *Status quaestionis*: uma visão contemporânea acerca das origens do Natal

O estudo atual acerca das origens da celebração do Natal tende a apresentar as várias hipóteses em abordagens por vezes multidisciplinares, que revelam mais atenção a vários fatores importantes. O aspeto apologético no contexto das grandes disputas teológicas que marcaram o século IV tem sido mais valorizado e muitas vezes tratado como terceira hipótese. Temos ainda assistido a um olhar mais crítico em relação aos argumentos da História das Religiões, sobretudo no tratamento de algumas fontes, não impossibilitando que a Hipótese do Cálculo seja paralelamente apresentada sem grandes respostas efetivas, mostrando que a questão em análise poderá ser resultado de múltiplas influências, porventura até concorrentes para a fixação do Natal.

##### 4.1. Steven Hijmans *versus* Hermann Usener

Nos últimos anos, a investigação de Steven Hijmans, professor da Universidade de Alberta, nos Estados Unidos da América, e especialista na arte, arqueologia e religião no período do império romano, tem despoletado uma franca admiração, na medida em que questiona algumas das afirmações que foram fundamentais para o entendimento e plausibilidade generalizados da Hipótese da História das Religiões desde Usener<sup>126</sup>. Nos seus trabalhos sobre o culto solar na época da antiga Roma, Hijmans considera que a tese de Usener desfrutou de muitos elogios desde a sua publicação em 1889, levando a que muitos estudiosos posteriores abraçassem acriticamente e basicamente as

und Christentum; 46; HEIM, François – Solstice d'hiver, solstice d'été dans la prédication chrétienne du V<sup>e</sup> siècle: Le dialogue des évêques avec le paganisme, de Zénon de Vérone à saint Léon. *Latomus* 58 (1999) 640-660; JUNGSMANN, J. A. – A Liturgia da Igreja. Trad. P. R. Rocha. Porto: Livraria do Apostolado da Imprensa, 1962, p. 188-190; LECLERCQ, Jean – Aux origines du cycle de Noël. *Ephemerides Liturgicae* 60 (1946) 7-26; LEMARIÉ, Joseph – La Manifestation du Seigneur: La Liturgie de Noël et de l'Épiphanie. Paris: Cerf, 1957, p. 27-51. *Lex Orandi*; 23; McARTHUR – The Evolution of the Christian Year, p. 37; NOCENT, Adrien – The Liturgical Year. Collegeville: The Liturgical Press, 1977, vol. 1, p. 181-254; RAHNER – Miti greci nell'interpretazione cristiana, p. 107-108; RIGHETTI, Mario – Manuale di Storia Liturgica: L'Anno liturgico nella storia, nella messa, nell'ufficio. 3.<sup>a</sup> ed, Milano: Editrice Ancora, 1969 [reimpressão de 2005], vol. 2, p. 65-70; SCHUSTER, A. I. – Liber Sacramentorum: Estudio histórico-litúrgico sobre el Misal Romano. Versão espanhola de Beneditinos de Samos. Turim e Roma: Casa Editorial Marietti, 1936, vol. 2, p. 168-172.

<sup>126</sup> Cf. HIJMANS – Sol Invictus, The Winter Solstice, and the Origins of Christmas, p. 377-398; HIJMANS – *Sol: The sun in the art and religions of Rome*, vol. 1, p. 609-620; HIJMANS – Temples and Priests of the Sol in the City of Rome, p. 381-423; HIJMANS – Usener's Christmas. In *Die Metamorphosen der Philologie*, p. 139-152.

suas conclusões. O argumento reproduzido em muitos trabalhos que seguiram a linha da Hipótese da História das Religiões, de que o Natal foi resultado de uma tentativa de suplantação do *Dies Natalis Solis Invicti* por iniciativa de Constantino, na fusão da sua piedade solar como parte do seu programa de sincretismo cultural e religioso e de proteção do cristianismo, é para Steven Hijmans indefensável; notando a falta de cientificidade do argumento, este autor considera, como já havia suportado Thomas Talley, que é inconciliável com o facto de Constantinopla ter adotado o Natal só por volta do ano 380, meio século depois da fundação da cidade e da morte do imperador que lhe deu o nome<sup>127</sup>. Numa reavaliação recente e crítica da Hipótese da História das Religiões, Hijmans usa evidências arqueológicas e numismáticas, bem como diversos escritos do segundo ao quarto séculos, mostrando os anacronismos e as perspetivas erradas da heliolatria romana resultantes de uma construção moderna remontante ao século XIX, que não tem em conta factos e provas concretas, rejeitando por completo as afirmações de muitos, como Usener, que acreditavam que o *Sol Invictus* era uma nova e distinta divindade importada do Oriente no século III e celebrada anualmente a 25 de dezembro<sup>128</sup>. Segundo este professor, a peça central que levou os estudiosos como Usener a postular uma identificação entre a festa pagã e o Natal foi o Cronógrafo de 354, que refere numa das suas entradas «N[atális] Invicti C[ircenses] M[issus] XXX»<sup>129</sup>, geralmente interpretada como uma festa em honra do Sol com trinta corridas de bigas, e o documento para afirmar a instituição do Natal até 336, em Roma. Hijmans acredita que não há provas suficientes que possam suportar essa afirmação e, por isso, também é improvável a tese de que a celebração do nascimento de Cristo a 25 de dezembro surgiu pela interferência e tentativa de superação de uma festividade pagã anterior celebrada nesse dia, pondo em xeque a grande parte dos trabalhos acerca desta questão. Mais ainda, Steven Hijmans suporta, através de fontes romanas relativas ao culto solar, que nenhum dos festivais tradicionalmente celebrados em honra desta divindade pagã ocorriam no solstício de inverno, e muito menos com trinta corridas de bigas, mostrando outras datas de pouco significado astronómico, como 8, 9 e 28 de agosto, 19 e 22 de outubro, e 11 de dezembro, e considerando, deste modo, que o Cronógrafo é a primeira fonte que marca uma festa solar do império a 25 de dezembro, suspeitando dessa indicação<sup>130</sup>. Assim

<sup>127</sup> Cf. TALLEY – Constantine and Christmas. In *Between Memory and Hope*, p. 265-266

<sup>128</sup> Cf. HIJMANS – Sol Invictus, The Winter Solstice, and the Origins of Christmas, p. 377-398; HIJMANS – Sol: The sun in the art and religions of Rome, p. 583-595; HIJMANS – Usener's Christmas. In *Die Metamorphosen der Philologie*, p. 139-151.

<sup>129</sup> Inscriptiones Latinae Antiquissimae. In *CIL*, 1, p. 356.

<sup>130</sup> Cf. HIJMANS – Usener's Christmas. In *Die Metamorphosen der Philologie*, p. 147-150.

sendo, Hijmans considera que o simbolismo solar que baseou a escolha do 25 de dezembro por parte da Igreja para celebrar, no solstício de inverno, a festa da Natividade de Cristo deve ser completamente alheio e separado do culto solar pagão, que não poderia ter tido, segundo o autor, qualquer influência imediata na instituição do Natal, tese também apoiada recentemente por Carl Philipp Emanuel Nothaft, o que nos poderá fazer considerar inconclusivo o estudo hodierno sobre as origens do Natal<sup>131</sup>.

#### 4.2. Susan Roll: *Toward the Origins of Christmas*

Relevante e significativa é a tese de Susan Roll sobre as origens do Natal, que amplamente temos referenciado, publicada na Holanda em 1995, com o título *Toward the Origins of Christmas*. A autora norte-americana apresenta um estudo profundamente justificado que inicia com uma incursão pelo ano litúrgico no cristianismo primitivo, em relação com outras civilizações, cultos e calendários. As primeiras fontes relativas às origens do Natal são apresentadas e comentadas detalhadamente e expostas as várias hipóteses e contributos que marcaram a História da Liturgia sobretudo desde o século XIX acerca da questão em análise, não faltando uma sólida fundamentação patrística que apoia cientificamente as diversas posições. Constatando que as hipóteses até agora apresentadas não aprofundaram suficientemente o papel das disputas dogmáticas e cristológicas em torno do Concílio de Niceia na fixação da solenidade do Natal, Susan Roll oferece um estudo mais detalhado que perpassa diversos movimentos doutrinários, desde o donatismo até ao nestorianismo, situados nas diversas regiões onde a celebração do Natal se foi desenvolvendo num contexto apologético. A obra termina com uma reflexão sociológica, teológica e pastoral sobre o Natal no contexto contemporâneo.

É no capítulo segundo que Roll expõe a Hipótese do Cálculo sobre as origens do Natal, citando os principais contributos desde Duchesne até Thomas Talley. Neste contexto, é preponderante a sua análise sobre as evidências patrísticas, fazendo eco de documentos como o tratado *De solstitiis et aequinoctiis*, alguns textos agostinianos e fontes já mencionadas de S. João Crisóstomo, Lactânncio e Tertuliano, entre outras. Susan Roll acaba por constatar que os recentes estudos em inglês têm tratado a Hipótese do Cálculo ao mesmo nível da Hipótese da História das Religiões, embora alguns tendam a dar maior relevo a Talley, especialmente certos autores americanos, que

<sup>131</sup> Cf. HIJMANS – Sol Invictus, The Winter Solstice, and the Origins of Christmas. *Mouseion*. Series III. 3 (2003) 395-397; NOTHAFT – The Origins of the Christmas Date, p. 903-911.

demonstram, pelo menos, dar maior ênfase à teoria do cálculo. Numa visão crítica, Roll conclui que a Hipótese do Cálculo levantou mais questões do que forneceu respostas e considera que os seus contribuintes construíram uma argumentação impressionante para explicar a mentalidade que poderia estar inerente à estrutura cronológica que procurou fixar o nascimento de Cristo a 25 de dezembro. Embora possibilitando um maior conhecimento de informações valiosas sobre a mentalidade da época patrística, algumas afirmações categóricas, para a autora de *Toward the Origins of Christmas*, carecem de profundidade e de inserção no contexto; ressalvo ainda que, mesmo os mais fiéis adeptos da Teoria do Cálculo subentenderam que ela não seria a única influência causal para a evolução da festa do Natal, deixando em aberto a possibilidade da influência das festividades solares não cristãs. Finalmente, Susan Roll nota que os escritores de língua românica inclinaram-se mais para o desenvolvimento da Hipótese da História das Religiões, enquanto os autores anglo-saxónicos revelaram maior simpatia pela Hipótese do Cálculo.

O capítulo terceiro de *Toward the Origins of Christmas* é todo ele dedicado à Hipótese da História das Religiões, embora não tenha sido a primeira vez que a autora se debruçou sobre a problemática concreta da interrelação entre as práticas culturais pagãs e a celebração do nascimento de Cristo<sup>132</sup>. Ela desenvolve bem a temática do culto solar na antiga Roma, desde a religião doméstica ao panteão dos deuses, e desde o culto solar autóctone do *Sol Indiges* até ao *Sol Invictus* de Elagabalus, passando pela abordagem ao mitraísmo, referindo a importância da proclamação da divindade solar de Aureliano como protetora oficial do império e do imperador, em 274, com a fundação do novo colégio de sacerdotes e a celebração da festa anual *Dies Solis Invicti*<sup>133</sup>, e não deixando de encontrar influências na heliolatria de outras culturas, especialmente a egípcia, a judaica e a grega, bem como dentro da cultura romana<sup>134</sup>. Falando do reinado de Constantino, ainda que reproduza o esforço de sincretismo cultural e religioso que foi defendido pelos vários autores que contribuíram para a formulação da Hipótese da História das Religiões, a autora revela as posições contraditórias, sublinhando, a partir substancialmente de Thomas Talley, a possibilidade de Constantino não ter exercido qualquer influência na fixação

<sup>132</sup> Cf. ROLL, Susan – Botte Revisited: A turning point in the research on the Origins of Christmas and Epiphany. *Questions Liturgiques* 74 (1993) 153-170. Cf. HIJMANS – Sol Invictus, The Winter Solstice, and the Origins of Christmas. *Mouseion*. Series III. 3 (2003) 395-397; NOTHAFT – The Origins of the Christmas Date, p. 903-911; Early Christian Chronology and the Origins of the Christmas Date: In Defense of the "Calculation Theory". *Questions Liturgiques*. vol. 94. 3-4 (2013) 247-265.

<sup>133</sup> Cf. ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 109-114.

<sup>134</sup> Cf. ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 119-127.

da celebração do nascimento de Cristo a 25 de dezembro, justificando com a evidência de que os donatistas, de acordo com Santo Agostinho, já celebrariam o Natal no Norte de África, a 25 de dezembro, antes do cisma de 311, e com o silêncio acerca desta festa em Constantinopla no período da sua fundação e na presença do próprio imperador, e notando que só por volta de 380 é que foi estabelecida a festa de Natal nessa cidade do Oriente do Império<sup>135</sup>. No período de Juliano, Roll chama a atenção para as correntes neoplatónicas que valorizavam o simbolismo solar<sup>136</sup>. A autora elenca ainda, de forma inédita, as fontes que poderão suportar a Hipótese da História das Religiões em três âmbitos: fontes não cristãs, nomeadamente o testemunho da glosa siríaca constante num manuscrito de Bar-Salibi, já apresentada por vários estudos; as menções ao culto solar nos textos patrísticos, especialmente nas homilias de S. Leão Magno, onde este revela a tensão existente entre as práticas pagãs e o cristianismo; e outras fontes que demonstram uma cristologia assente no simbolismo solar e na interpretação da Escritura, trazendo plausibilidade à Hipótese<sup>137</sup>.

Compreendendo que o aspeto apologético nem sempre foi desenvolvido convenientemente em relação às origens do Natal, Susan Roll dedica-lhe o quarto capítulo da sua obra<sup>138</sup>, interpretando a problemática em questão mais largamente no ambiente do confronto e controvérsia teológica que caracterizou o século IV, quando os cristãos começaram a celebrar a Encarnação do Verbo, dogma afirmado em 325, no Concílio de Niceia, em oposição ao arianismo; não olvidando, no entanto, outras correntes que tiveram relação, ainda que mais ténue, neste assunto, como o donatismo e o nestorianismo<sup>139</sup>, bem como a tensão desses mesmos movimentos cismáticos no interior das igrejas ocidentais e orientais<sup>140</sup>, possibilitando um entendimento mais alargado e estruturado da perspetiva apologética.

Ao estudo atual acerca das origens do Natal foram acrescentados ainda nos últimos decénios os contributos de Paul Bradshaw<sup>141</sup> e Joseph Kelly<sup>142</sup>, ambos norte-americanos.

<sup>135</sup> Cf. ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 114-117.

<sup>136</sup> Cf. ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 118-119.

<sup>137</sup> Cf. ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 150-163.

<sup>138</sup> Cf. ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 182-189.

<sup>139</sup> Cf. ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 165-182.

<sup>140</sup> Cf. ROLL – *Toward the Origins of Christmas*, p. 189-211.

<sup>141</sup> Cf. BRADSHAW, Paul F. – *The Search for the origins of Christian Worship*, p. 187-190; BRADSHAW, Paul – *Early Christian Worship: A basic introduction to ideas and practice*. 2.ª ed. London: SPCK, 2010, p. 94-98; BRADSHAW; JOHNSON – *The Origins of Feasts, Fasts and Seasons in Early Christianity*, p. 123-130.

<sup>142</sup> Cf. KELLY, Joseph F. – *The Origins of Christmas*. Collegeville: Liturgical Press, 2004; KELLY, Joseph F. – *The Feast of Christmas*. Collegeville: Liturgical Press, 2010.

### 4.3. A síntese de Matias Augé

O claretiano espanhol Matias Augé, professor do *Pontificio Istituto Liturgico* de Roma, primeiramente sintetiza o tema em questão numa linha muito próxima do que havia sido exposto por Bergamini no *Nuovo Dizionario di Liturgia*<sup>143</sup>. No entanto, em 2002<sup>144</sup>, desenvolveu novamente esta temática, num tratamento que não difere substancialmente da sua obra publicada mais recentemente, em 2011<sup>145</sup>, onde elenca as três ordens de fatores implicados nas origens do Natal: todo o sistema de cálculos feitos com base em dados bíblicos e extrabíblicos, para determinar a data histórica do nascimento de Jesus; a pressão no interior da Igreja, a partir do debate cristológico, na urgência em identificar e excluir as doutrinas heterodoxas; e a influência do contexto pagão, concebido ora no ponto de vista de um perigo para a fé da comunidade, ora numa oportunidade de inculturação<sup>146</sup>. Augé reconhece que a tradição do cálculo não procurou determinar a origem da festa, mas consistiu numa tentativa da sua explicação, reconhecendo que na Igreja Antiga as tentativas de datação do nascimento de Cristo são muito diversas e pouco uniformes<sup>147</sup>. Quanto à hipótese inspirada na apologética e na história das religiões, refere a instituição do *Natalis Invicti* por Aureliano, em 274, no solstício de inverno, e a interpretação a partir de Malaquias de que Cristo é o verdadeiro sol da justiça; refere a conceção sincretística de Constantino e a instituição do dia de descanso, em 321, como "dia do sol" e "dia do senhor"; e, recorrendo a Christine Mohrmann<sup>148</sup>, fala da representação de Cristo como *Helios* sobre um carro triunfante, sublinhando a sua

<sup>143</sup> Cf. AUGÉ, Matias – *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. Prior Velho: Paulinas, 2005, p. 280-283. Dessedentar; 3. Esta é uma tradução da obra publicada originalmente em italiano, em 1992. BERGAMINI, Augusto – Natale/Epifania. In *Nuovo Dizionario di Liturgia*. A cura di Domenico Sartore e Achille M. Triacca. Roma: Edizioni Paoline, 1984, p. 919-922.

<sup>144</sup> AUGÉ, Matias – *Avvento, Natale, Epifania: Tempo della Manifestazione del Signore*. Cinisello Balsamo: Edizioni San Paolo, 2002.

<sup>145</sup> AUGÉ – *L'anno liturgico*, p. 178-181.

<sup>146</sup> Cf. AUGÉ – *L'anno liturgico*, p. 179.

<sup>147</sup> Cf. AUGÉ – *L'anno liturgico*, p. 180.

<sup>148</sup> Christine Mohrmann, professora da Universidade Católica de Nijmegen, veio recordar um mosaico cristão dos meados do século III, existente no *Mausoleo dei Giuli*, na necrópole vaticana, representando Cristo como *Helios* sobre um carro triunfante. Através de argumentos apoiados na filologia, Mohrmann esclarece que o termo latino "*natalis*", tinha, entre os cristãos, o significado de aniversário do dia da morte, como comprova a comemoração paleocristã dos mártires; ora, só sob um renovado contacto com o uso corrente da linguagem profana poderá sugerir a conotação do "*natalis*", como aniversário do nascimento, o que reforça a tese da interação entre o cristianismo e o mundo pagão. Cf. MOHRMANN – Epiphania, p. 644-670.

interpretação do termo *natalis*<sup>149</sup>. Explicando a expansão rápida da festa a toda a cristandade, menciona o contexto adverso à heresia ariana, justificando que uma festa do nascimento de Cristo poderia fornecer uma conveniente expressão litúrgica à profissão de fé afirmada em 325 no Concílio de Niceia, que condenou o arianismo e defendeu a divindade do Verbo, facto que viria a ser corroborado, na primeira metade do século V, pelos dez sermões natalícios de S. Leão Magno, o testemunho mais qualificado do sentido originário do Natal na liturgia romana e autor de alguns dos textos natalícios do Sacramentário Veronense<sup>150</sup>. Podemos considerar que os estudos de Matias Augé poderão sintetizar e conciliar as grandes questões acerca das origens do Natal.

## Conclusão

As origens da celebração do nascimento de Jesus Cristo no Ocidente em mudança cultural e política remetem-nos para o século IV, quando podemos atestar, pelas informações contidas no *Calendário de Furius Dyonisius Philocalus*, datado de 354, mas muito provavelmente redigido numa primeira versão em 336, uma lista cronológica de carácter civil que faz vigorar, numa das suas entradas recheadas de eventos ligados ao Império e ao Imperador, a indicação de que Cristo nasceu no oitavo dia antes das calendas de janeiro, ou seja, 25 de dezembro. Este documento, que obteve a consideração da grande maioria da comunidade científica, possibilitou identificar o local e o tempo genético da celebração do Natal – em Roma, por volta da data de compilação do Cronógrafo –, e a partir destas informações pudemos iniciar o nosso estudo histórico que percorreu a literatura científica e as evidências documentais e nos permitiu apresentar duas hipóteses distintas que dividiram e dividem opiniões há mais de um século.

A Hipótese do Cálculo – que olha com especial relevo para as evidências históricas e patrísticas que tiveram por base a antiga tradição de que Jesus Cristo, tal como os antigos patriarcas, foi concebido no mesmo dia e mês da sua paixão, a 25 de março, equinócio da primavera, e daí parecer plausível ter nascido a 25 de dezembro, depois de nove meses de gestação – recebeu especial desenvolvimento no ambiente anglo-saxónico. Depois do contributo do liturgista americano Thomas Talley, nos finais do século XX, a Hipótese não encontrou mais nenhum desenvolvimento considerável.

<sup>149</sup> Cf. AUGÉ – *L'anno liturgico*, p. 180.

<sup>150</sup> Cf. AUGÉ – *L'anno liturgico*, p. 181.

A Hipótese da História das Religiões – que lê no complexo contexto cultural e religioso do Império Romano e das civilizações circumediterrâneas razões suficientes para acreditar que a data de 25 de dezembro, solstício de inverno, como celebração do nascimento de Cristo, está intimamente ligada a outras festividades religiosas dessas mesmas civilizações, e muito particularmente ao culto heliolátrico, manifestado mais evidentemente em Roma, a partir de Aureliano, que instituiu, com festejos e direito a corridas de bigas, o *Dies Natalis Invicti*, precisamente a 25 de dezembro – foi apoiada pela maioria dos historiadores e liturgistas, que notaram igualmente que, quando o Natal inicia a celebrar-se na Igreja Latina, já esta vivia o ambiente controverso das disputas dogmáticas que viriam a veicular os primeiros concílios ecumênicos, onde a questão cristológica teve especial relevância. As afirmações ortodoxas de que Jesus Cristo é a encarnação do Verbo e que possui duas naturezas numa só pessoa, e que o Filho é coeterno e consubstancial ao Pai, teriam, de acordo com os apoiantes da História das Religiões, uma boa forma de singrar através da instituição de uma festa da Encarnação que sublinhasse as principais definições dogmáticas que entretanto viriam a ser compaginadas em Símbolos. Esta Hipótese recebe muito recentemente o questionamento sobretudo da parte de Steve Hijmans, que se tem debruçado nos últimos anos sobre o culto solar nas civilizações clássicas, e especialmente no Império Romano, e que coloca em xeque alguns dos pontos assumidos pelos defensores da Teoria da História das Religiões, no curso dos últimos dois séculos, nomeadamente a existência da festividade solar imperial *Dies Natalis Invicti* a 25 de dezembro.

Na História, qualquer evento é variegado nas suas influências e contextos. Também nas origens do Natal, dada a distância a que nos encontramos temporalmente e as dificuldades inerentes à própria História Antiga, será temerário rejeitar à partida os contributos de uma ou outra hipótese, sendo razoável a síntese, tal como procuraram fazer Susan Roll e Matias Augé. Com certeza que umas ou outras razões nos inclinarão para uma atenção particular a alguma das duas formulações; no entanto, o estudo acerca das origens do Natal, que até hoje mereceu milhões de páginas de investigação, não está concluído. Uma especial atenção por parte do historiador e do liturgista sensível às complexas questões da genética heortológica continuará a ser oportuna para uma compreensão mais lata dos alvares do cristianismo e, sobretudo, das práticas celebrativas dos cristãos dos primeiros séculos que, contemplando o Mistério da Encarnação, consideraram Jesus Cristo como verdadeiro «Sol Iustitiæ».